



## EXPLORANDO O INTERESSE, PARTICIPAÇÃO E DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL DOS ALUNOS PELA DISCIPLINA POSITIVA

Dariane Espinosa Bagatolli/Mestranda/UNIOESTE  
Gean Carlos Royer/Doutorando/UNIOESTE  
Ketlin Zanella da Conceição Bonaparte/Doutoranda/UNIOESTE  
Vilmar Malacarne/Doutor/UNIOESTE

**Resumo:** Professores de todos os níveis de ensino queixam-se cada vez mais das dificuldades frente ao comportamento de seus alunos, uma geração conectada, desestimulada e dispersa. Ensinar o conteúdo curricular e formar cidadãos de caráter tem sido um desafio cada vez maior. Os alunos já não são mais os mesmos, a sala de aula mudou e a internet, com seu amplo universo de conhecimentos, comunicação e distrações, agora está na palma da mão. Neste universo, os professores também precisam se instrumentalizar e desenvolver novas habilidades para conseguirem formar esta nova geração. E é nesta direção que percebemos na abordagem da Disciplina Positiva uma nova possibilidade de gerenciar a sala de aula. Uma gestão através de ferramentas e estratégias, efetivas e práticas, contando com a ajuda dos alunos. Este trabalho tem como objetivo apresentar alguns conceitos e estratégias da Disciplina Positiva que podem contribuir para a formação de alunos mais participativos e interessados na sala de aula. Para isso, realizou-se um levantamento bibliográfico sobre a temática, apresentando seus principais conceitos, bem como algumas ferramentas e estratégias práticas, dentre as inúmeras encontradas. Após esse estudo, concluiu-se que a Disciplina Positiva pode ser uma alternativa para resgatar o envolvimento dos alunos com a escola. Além disso, quando os professores utilizam essa abordagem, além de melhorar o comportamento em sala, também desenvolvem habilidades socioemocionais nas crianças e adolescentes, como respeito mútuo, cooperação, responsabilidade, autonomia, cuidado com os outros e resolução de problemas, tudo isso preservando a dignidade e o respeito dos alunos.

**Palavras-Chave:** Gestão de sala de aula; Indisciplina; Educação Positiva.

## INTRODUÇÃO

Atualmente muitos professores sentem-se frustrados porque os alunos não se comportam como nos “bons e velhos tempos”, ou seja, eram obedientes e faziam tudo o que lhes era pedido. Grandes mudanças aconteceram na sociedade ao longo dos anos que impactaram o comportamento de crianças e adolescentes na família e na escola (NELSEN, 2015).

A dificuldade enfrentada por professores para gerenciar o comportamento dos alunos é real, mas a Disciplina Positiva traz uma perspectiva encorajadora capaz de compensar as mudanças ocorridas, minimizar os problemas com comportamento na



sala de aula e ainda desenvolver habilidades socioemocionais nos alunos. Tendo em vista essa proposta, este estudo se justifica.

Assim, este trabalho tem como objetivo apresentar um breve histórico, bem como alguns conceitos e estratégias da Disciplina Positiva (DP) que podem contribuir para a formação de alunos mais participativos e interessados na sala de aula.

Para isso, realizou-se uma pesquisa qualitativa através de um levantamento bibliográfico sobre a temática, apresentando assim um breve histórico sobre o surgimento da DP, alguns de seus principais conceitos, bem como algumas ferramentas e estratégias práticas, dentre as inúmeras encontradas.

Por fim, apresentou-se os resultados e conclusões encontrados durante a pesquisa nas considerações finais deste trabalho.

## **DISCIPLINA POSITIVA NA ESCOLA: Como surgiu a Disciplina Positiva**

A DP surgiu com a terapeuta familiar americana Jane Nelsen que criou esta denominação e a disseminou através de oficinas e livros para pais e educadores na década de 70 do século passado nos Estados Unidos.

Segundo Nelsen, Erwin e Duffy (2018), o trabalho da DP é baseado nas ideias de dois psiquiatras vienenses que viveram entre o final do século XIX e início do século XX: Alfred Adler e seu colega Rudolf Dreikurs.

Apesar de viver e trabalhar em Viena no mesmo tempo de Sigmund Freud, Adler via o mundo de uma forma diferente e seguiu outro caminho. Para ele somos seres sociais que buscam pertencimento e significância nos relacionamentos. E desde a infância certos jeitos de se comportar são influenciados através de crenças desenvolvidas em relação a como encontrar essa conexão e autovalor (NELSEN; ERWIN; DUFFY, 2018).

Para Nelsen (2015), Adler foi uma pessoa com ideias à frente de seu tempo. Sua teoria foi influenciada por suas experiências nos primeiros anos de vida num bairro pobre de Viena onde cresceu, pelos pacientes indigentes que atendeu e por suas vivências traumáticas como psiquiatra do exército austríaco durante a primeira guerra mundial. Ele acreditava que as pessoas necessitavam de igualdade, respeito



e dignidade e que habilidades de relacionamento poderiam ser aprendidas e ensinadas.

Segundo Nelsen (2015), sendo um austríaco descendente de judeus, Adler precisou imigrar para os Estados Unidos durante a perseguição nazista da segunda guerra mundial, para lá continuar seu trabalho. Ele teorizou que o comportamento humano está em busca do objetivo de sentir-se aceito e importante. Mesmo o comportamento inadequado tem um propósito, ou seja, é uma tentativa de superar a percepção de não pertencer ou satisfazer uma necessidade que não pode ser expressa (NELSEN, 2015).

Nelsen (2015) relata que, após a morte de Adler em 1937, Rudolf Dreikurs continuou desenvolvendo a teoria adleriana. Dreikurs trabalhou com Alfred Adler e também imigrou para os Estados Unidos durante a segunda guerra mundial. Ambos acreditavam que os erros precisavam ser normalizados como parte do crescimento e da mudança do ser humano e que realmente pode-se aprender e prosperar através deles. Além disso, continua Nelsen (2015), acreditavam que todos temos o impulso de contribuir com as pessoas ao nosso redor, bastando observar o comportamento de crianças pequenas querendo ajudar sempre que surge a necessidade de limpeza no ambiente.

Dreikurs escreveu livros para auxiliar pais e professores na aplicação da teoria adleriana, para melhorar as relações com as crianças, mas nem sempre foi compreendido. Segundo Nelsen (2015), um conceito básico, muitas vezes mal interpretado, era: quando as crianças são tratadas com dignidade e respeito e os adultos confiam em suas habilidades de cooperação e contribuição, elas são conquistadas e cooperam de forma espontânea. Porém, muitos adultos distorciam as técnicas e as utilizavam para se impor às crianças ao invés de conquistá-las.

A DP continuou os trabalhos de Adler e Dreikurs adaptando, acrescentado e expandindo suas ideias para aplicar nas famílias e escolas. Uma dessas contribuições foi a pergunta: “De onde nós tiramos a ideia absurda de que, para levar as pessoas a agirem melhor, antes precisamos fazê-las se sentirem pior? As pessoas agem melhor quando se sentem melhor.” (NELSEN; LOTT; GLENN, 2017, p. 93).



Fazer com que o aluno sofra ou pague pelos seus erros para aprender algo é a premissa da punição. Na DP busca-se normalizar os erros para que o aprendizado aconteça através deles, pois acredita-se que o crescimento e a mudança exigem a coragem para a imperfeição.

## Alguns Conceitos Básicos da Disciplina Positiva

Muitos acreditam que a palavra disciplina quer dizer punição. Entretanto, a palavra disciplina deriva do latim e significa ensinar ou aprender. Para a abordagem da DP, essa palavra reflete ensinamento, compreensão, encorajamento e comunicação, nunca punição. “A punição é usada com a intenção de fazer as crianças “pagarem” pelo que fizeram. Já a disciplina tem o objetivo de ajudar as crianças a aprenderem com o que fizeram.” (NELSEN; ERWIN; DUFFY, 2018, p. 21).

Neste sentido, todos os métodos ensinados pela abordagem da Disciplina Positiva possuem efeitos a longo prazo que foram resumidos por Nelsen (2015) em cinco critérios no relacionamento com as crianças.

O primeiro critério diz respeito a ajudar o aluno a se sentir conectado, ou seja, que desenvolva um senso de aceitação e importância. Para Nelsen (2015) estes são objetivos primários de todas as pessoas, especialmente as crianças. O senso de conexão é tão importante que está diretamente relacionado ao desempenho acadêmico e social dos alunos.

Muitas vezes a criança se comporta de maneira inadequada porque não se sente importante ou conectada e o mau comportamento se torna uma forma de recuperar a atenção perdida. Esse denominado mau comportamento tende a diminuir à medida que o senso de importância e pertencimento aumenta (NELSEN; ERWIN; DUFFY, 2018).

“Nenhum dos estudantes que mataram colegas ou professores se sentiam importantes e pertencentes ao grupo” (NELSEN, 2015, p. 17). Diante da punição, crianças não se sentem aceitas e importantes, inclusive tendem a se comportar mal, por isso não é um método efetivo à longo prazo.



Já a DP é efetiva à longo prazo e este é o segundo critério. Os métodos da Disciplina Positiva exigem esforços e habilidades para ser aplicados, porém tem resultados benéficos duradouros. “A verdadeira disciplina orienta, ensina e estimula comportamentos saudáveis” (NELSEN; ERWIN; DUFFY, 2018, p. 24).

A punição é mais fácil, a maioria sabe usar e funciona em curto prazo. Mas as crianças acabam sendo incentivadas a rebeldia, a sensação de inadequação ou perda da individualidade (NELSEN, 2015).

Muitos pais e professores também recorrem a punição por temerem abdicar de seu controle e não estar cumprindo seu papel enquanto adulto da relação. Ou ainda, continua a autora, desconhecem outras formas de agir, mesmo sabendo que a punição não tem efetividade a longo prazo.

O terceiro critério diz respeito ao uso da firmeza e gentileza ao mesmo tempo no relacionamento com os alunos, como algo essencial. De acordo com Nelsen (2015), ao ser gentil o adulto demonstra respeito pela criança, e ao ser firme, mostra respeito por si mesmo e age de acordo com a necessidade de cada situação.

Esta autora ainda afirma que alguns adultos acreditam que a firmeza está atrelada à punição, sermão ou controle. Isso pode produzir revolta e lutas por poder e não mantém os alunos seguros ou socializados. Outros acreditam que a gentileza está relacionada a ideia de satisfazer, socorrer ou proteger a criança de qualquer decepção. Mas Nelsen (2015) relata que isto não é respeitoso com o desenvolvimento do aluno que perde a oportunidade de sobreviver às decepções e aprimorar seu senso de capacidade.

Na verdade, “firmeza, quando combinada com gentileza, significa respeito pela criança, por você e pela situação” (NELSEN, 2015, p. 14). E a DP apresenta diversas formas práticas de fazer isso.

Ensinar valiosas habilidades sociais e de vida para a construção de um bom caráter é o quarto critério. Os métodos da DP não só interrompem o mau comportamento como ensinam respeito, consideração pelos outros, resolução de problemas, cooperação, contribuição, dentre outros. Ao contrário disso, segundo Nelsen (2015), à longo prazo a punição ensina violência, dissimulação, baixa autoestima e muitas outras habilidades negativas.



E, por último, o quinto critério convida o aluno a descobrir o quanto ela é capaz, ou seja, através do encorajamento ele é estimulado a utilizar suas capacidades e a desenvolver a autonomia de forma construtiva.

Vale destacar que, “eliminar a punição não significa permitir que a criança faça o que quiser” (NELSEN, 2015, p. 3). Trata-se da perspectiva de oferecer ao aluno a oportunidade de aprender habilidades sociais e de vida num ambiente de gentileza, firmeza, dignidade e respeito.

Alguns conceitos básicos da DP, como foram abordados, precisam ser compreendidos para que não ocorram distorções no uso das estratégias e técnicas propostas pela abordagem. A falta de compreensão do adulto pode levá-lo a utilizar os métodos como forma de controlar ou impor-se aos alunos.

## **Técnicas e Estratégias de Ação**

A DP apresenta um repertório de técnicas e estratégias que podem ser usadas junto aos alunos. Selecionamos algumas para ilustrar sua aplicação prática no cotidiano.

Quando os professores se importam com seus alunos atendem a necessidade de aceitação e importância das crianças. Isso foi denominado, como Conexão antes da correção.

Evidências científicas relevantes demonstram que o aumento do nível de conexão que o aluno tem com a escola prevê o sucesso acadêmico. Isso diminui faltas, brigas, bullying e vandalismo, enquanto promove motivação educacional, motivação na sala de aula, boa performance acadêmica, alta frequência escolar e alta taxa de graduação (NELSEN; LOTT; GLENN, 2017, p. 63).

Os alunos precisam se sentir pertencentes à escola, ou seja, precisam gostar da escola, perceber que os professores se importam e dão apoio, ter bons amigos, ter senso de aceitação, acreditar que as regras são justas e efetivas e estar empenhado em seu desenvolvimento acadêmico. Quando os alunos se sentem importantes eles desejam cooperar ao invés de se comportar mal.





Exemplos práticos para cultivar conexão e importância são fazer perguntas sobre eles, usar os erros como oportunidade de aprendizado, demonstrar que acredita em sua habilidade e contribuição, escutá-los de forma ativa considerando seus pensamentos e sentimentos, envolvê-los no processo de decisão, encorajá-los a resolver problemas ao invés de puni-los (NELSEN; LOTT; GLENN, 2017).

Além disso, quando o professor estimula e ensina habilidades para os alunos relacionarem-se entre si criando conexão, seu trabalho fica mais fácil e prazeroso. De acordo com Nelsen, Lott e Glenn (2017), vivenciar a aceitação e importância na sala de aula é um aspecto poderoso para o desenvolvimento dos alunos.

Focar em soluções é outra prática relevante na DP. Quando o foco é a punição, buscam-se culpados. Mas a lógica proposta não é esta. Ninguém precisa pagar por seus erros, mas aprender e crescer com eles e, se necessário, efetuar reparações. Assim, quando surge um problema o foco está na solução ao invés de apontar culpados.

Para isso, os alunos precisam ser ensinados, pois focar em soluções é uma habilidade a ser desenvolvida. Para auxiliar neste processo Nelsen, Lott e Glenn (2017) sugerem mostrar aos alunos que as soluções necessitam ser: relacionadas ao problema, respeitadas, razoáveis e úteis. Assim, aprenderão a resolver problemas sem incluir a culpabilização e punição, compreendendo que errar é menos importante do que o que se faz depois de errar.

Além disso, os autores Nelsen, Lott e Glenn (2017) propõem um guia adicional para resolução de problemas que incluem quatro passos: 1) Ignorar o problema; 2) Conversar sobre o problema de forma respeitosa; 3) Chegar a um acordo sobre a solução; 4) Se não conseguirem se entender, pedir ajuda. Com este guia os alunos terão oportunidade de desenvolver essa habilidade ampliando seu repertório neste sentido.

Outra estratégia relatada por Nelsen, Lott e Glenn (2017) para auxiliar os alunos a focar em soluções é a roda de escolhas. Ela consiste em uma espécie de “pizza” de papel, e em cada fatia tem escrito uma possibilidade de solução, como por exemplo, pedir ajuda, pedir desculpas, ignorar, dizer o que quer, respirar, ser amigo, dentre outros. A roda pode ser um grande cartaz coletivo ou um recurso individual



para deixar na própria mesa. E os alunos poderão recorrer a ela para ter ideias do que fazer nos momentos de conflitos. Pode ser usada de várias formas e, segundo Nelsen, Lott e Glenn (2017) resulta em muitos benefícios quando os alunos são envolvidos em sua construção criando soluções ou participando de atividades para compreender o que cada opção da roda significa.

De acordo com Nelsen, Lott e Glenn (2017), a reunião de classe é mais uma ferramenta prática proposta pela DP e que contribui no desenvolvimento dos alunos para resolver problemas focando em soluções. Os autores sugerem a utilização de um roteiro que cultiva diversos aspectos nos alunos, recomendando que aconteça semanalmente e dure, no máximo, trinta minutos. Além disso, durante a semana os alunos escrevem os assuntos que desejam discutir na reunião em uma pauta disponibilizada em sala de aula.

Seguindo as recomendações dos autores citados, a reunião acontece em formato de círculo para que todos se vejam. Usa o recurso do “bastão da fala” para que o detentor deste objeto (que pode ser um bastão ou qualquer outro objeto) fale sem ser interrompido. Na primeira parte da reunião os alunos praticam reconhecer e elogiar os colegas e, na segunda, discutem os assuntos da pauta focando em soluções.

Nelsen, Lott e Glenn (2017) afirmam que, com as reuniões de classe, os alunos desenvolvem habilidades como formar um círculo, praticar o reconhecimento e o elogio, respeitar as diferenças, usar habilidades respeitadas de comunicação, focar em soluções, levantar ideias, utilizar esse formato de reunião usando pauta, bem como compreender o comportamento dos colegas.

Ao defender o uso da reunião de classe, Nelsen, Lott e Glenn (2017) argumentam:

[...] sabemos que as crianças são excelentes ajudantes e solucionadoras de problemas quando essas habilidades lhes são ensinadas e elas tem a oportunidade de usá-las todos os dias. Nós deixaríamos de acreditar nisso se não tivéssemos ouvido de tantos professores os benefícios que eles vivenciaram por meio das reuniões de classe. (p. 143-144).





Para finalizar, vale destacar que, neste estudo, foram descritas algumas estratégias e ferramentas ensinadas pela DP, porém existem inúmeras outras como escolhas limitadas, funções na sala de aula, agir sem falar, perguntas curiosas, decidir antes de agir, consequências naturais e consequências lógicas, pausa positiva, dar pequenos passos, compreender os objetivos equivocados, dentre outras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dinâmica da sociedade trouxe diversas mudanças que vem impactando no comportamento de crianças e adolescentes na sala de aula ao longo dos anos. Este estudo permitiu chegar-se à algumas considerações: a DP pode ser uma alternativa para resgatar o envolvimento dos alunos com a escola, estimulando seu interesse, motivação e comprometimento acadêmico. Além disso, quando os professores utilizam essa abordagem, além de melhorar o comportamento em sala, também desenvolvem habilidades socioemocionais nos alunos, como respeito mútuo, cooperação, responsabilidade, autonomia, cuidado com os outros e resolução de problemas. Tudo isso superando abordagens punitivas, bem como cultivando a paz nos relacionamentos e preservando a dignidade e respeito dos alunos.

## REFERÊNCIAS

NELSEN, J.; LOTT, L.; GLENN H. S. **Disciplina Positiva em Sala de Aula:** como desenvolver o respeito mútuo, a cooperação e a responsabilidade em sala de aula. 4. ed. Barueri, SP: Manole, 2017.

NELSEN, J. **Disciplina Positiva.** 3. ed. Barueri, SP: Manole, 2015.

NELSEN, J.; ERWIN, C.; DUFFY, R. A. **Disciplina Positiva para crianças de 0 a 3 anos.** Barueri, SP: Manole, 2018.